

LITRO | 129

Brazil

A Edição das Mulheres Escritoras

Menina, saiba logo de saída que não existe ninguém feliz em horários pares, apenas nos ímpares. O que faz as pessoas dos nossos tempos, digo, dos nossos tempos serem felizes é uma mera questão pontual. Tudo depende do humor do cuco. Do ponteiro em sua bateção infinita. Às seis horas estão todos borcoxôs em São Paulo. Os que mentem que estão felizes e falsificam um sorriso no rosto não me ludibriam. Porque são seis horas e as drogas capazes de levar alguém à radiação são vendidas apenas mais tarde. Procure às seis horas o homem que arrasta chinelos carregando uma escopeta ou um princípio de incêndio e saberá que a felicidade demorará algumas horas a chegar na cidade pendular.

de 'Lavie Na Luz Medonha'
por Juliana Frank

Na Capa

Homem = carne / mulher = carne - dopado
por Laura Lima
foto por Eduardo Eckenfels

www.litro.co.uk
ISBN 978-0-9554245-5-7



Brazil

A Edição das Mulheres Escritoras

Apresentando

Ana Rüsche
Luisa Geisler
Juliana Frank
Marília Garcia
Paloma Vidal
Miriam Mambrini
Ana Paula Maia
Marina Colasanti
Carola Saavedra



RA

Book now

Royal Academy of Arts

Australia

21 September –
8 December 2013

www.royalacademy.org.uk
Friends of the RA go free

Sidney Nolan, *Neel Kelly* (detail), 1946.
Enamelled on composition board, 90.8 x 121.5 cm.
National Gallery of Australia, Canberra.
Gift of Sunday Reed 1977.

Organised with
 NATIONAL GALLERY
OF AUSTRALIA

THE OTHER ART FAIR

17–20 OCTOBER 2013

OLD TRUMAN BREWERY
BRICK LANE
LONDON E1 6QL

THE MAJOR SATELLITE
EVENT DURING
LONDON'S ART WEEK



Meet Dan Hillier at
The Other Art Fair.



LONDON'S LEADING ARTIST-LED FAIR

PRESENTING ALONGSIDE
THE MONIKER ART FAIR

THEOTHERARTFAIR.COM

EDITORIAL—tradução por Leonardo Villa-Forte

Queridos leitores,

Voltamos à escrita que vem do Brasil, esse ano, num momento de intervalo entre grandes eventos. Estamos a um ano da Copa do Mundo. A visita do Papa, em julho, aconteceu durante o levante das maiores manifestações no Brasil nos últimos vinte anos. A edição da Granta com os melhores jovens romancistas brasileiros criou um burburinho ano passado, depois saiu de vista. É hora da Litro ver onde está a escrita brasileira. Com a presidente, a ministra da cultura e a presidente da Academia Brasileira de Letras sendo todas mulheres, apesar da cultura machista que persiste sem sinais de mudança, temos realmente de recorrer às mulheres.

Abrimos com um conto de Luisa Geisler no qual o futebol é a última coisa em que o narrador pensa. O tom desliza para o surreal e o humor horripilante em pequenos textos de Juliana Frank, Ana Paula Maia e Miriam Mambrini. No conto mais longo da Ana Paula, “Desmedido Roger”, ideias de limites contra ausência de moderação fervilham em descontrole nesse espelho distorcido da sociedade brasileira.

Não falta inquietação e até mesmo frenesi nas páginas desta coleção, particularmente em histórias de mulheres que vivem em tensão entre diferentes gerações e camadas sociais. Ainda assim, Paloma Vidal e nossas três poetisas fazem soar notas mais contemplativas. Por último, Carola Saavedra dramatiza o encontro de uma mulher com sua própria e teimosa criação ficcional em “Coexistência”.

Um último aspecto exclusivamente feminino dessa edição merece atenção especial. Estudantes de Português da Universidade de Oxford e sua professora traduziram a maioria desses contos e poemas – a primeira experiência de edição e publicação profissional para várias delas. Trabalhar com essas ótimas novas tradutoras foi um prazer e, como os leitores verão, uma façanha literária. Muito obrigado!

Aguardo sua opinião sobre essa edição da revista.

Sophie Lewis
Editora assistente
Rio de Janeiro
Outubro de 2013

Leonardo Villa-Forte é tradutor e mestrando em Literatura, Cultura e Contemporaneidade. Entre suas mais recentes traduções/adaptações é O alfabeto perigoso, de Neil Gaiman. Tem contos publicados no Brasil e na Inglaterra. É o criador do blog e projeto MixLit - O DJ da Literatura.



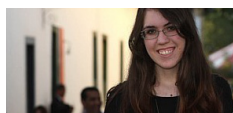
MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação BIBLIOTECA NACIONAL
Obra publicada com o apoio do Ministério da Cultura do
Brasil / Fundação Biblioteca Nacional.

CONTEÚDO



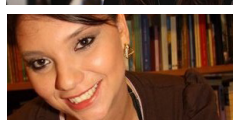
Ana Rüsche
O GRANDE PLUGUE

05



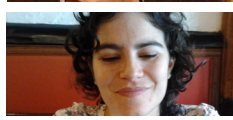
Luisa Geisler
CORÍNTIOS I

06



Juliana Frank
LAVIE NA LUZ MEDONHA

10



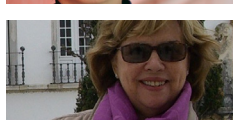
Marília Garcia
UMA EQUAÇÃO
NO HYDE PARK

13



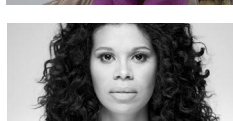
Paloma Vidal
ASÍ ES LA VIDA

18



Miriam Mambrini
BREU

22



Ana Paula Maia
DESMEDIDO ROGER

25

ESPORO

29



Marina Colasanti
PORTA DO ARMÁRIO ABERTA

33

AO HÁLITO DAS
MONTANHAS CHAMAMOS

35



Carola Saavedra
CONVIVÊNCIA

36

ARTISTA DA CAPA



Laura Lima

Nascido em 1971, Laura Lima mora no Rio de Janeiro, onde estudou filosofia e arte. Seu trabalho tem destaque em exposições no Canadá, a Suíça e os EUA, bem como em todo o Brasil.



Lost at Sea by Danielle Buerli

O GRANDE PLUGUE

Sobre a relação elétrica entre brasileiros e o oceano

por Ana Rüsche

À nossa geração nunca nos foi permitido ver o mar pela primeira vez.

Ele sempre esteve adentro, reluzente, o grande igual que nós mesmos

Rogamos tanto às noites que se faça novamente o escuro
mas quando as preces são atendidas

é só uma ilusão dos trouxas, uma ardentia nos olhos e
o mar esbraveja aqui dentro, monstro comedor de rocha

Já nascemos umas baleias mórbidas
pobres diabas afogadas neste papel de luz
E é tão mesquinho de pequeno o desejo

A gente só queria ver o maldito mar
por favor,
pela primeira vez.

Ana Rüsche nasceu em São Paulo. Publicou alguns livros de poesia ("Rasgada", 2005, "Sarabanda", 2007 e 2013 e "Nós que Adoramos um Documentário" (2012) e o romance "Acordados", 2007).

CORÍNTIOS I

uma jovem mulher com mais do que futebol só na sua mente

por Luisa Geisler

Ah, não venha me julgar. Quando eu casei com o Lê, eu achei que tava tudo resolvido, que eu não ia mais me preocupar com homens, festas, nem com o que a minha família pensava, mas eu me enganei. Olha só, tu pensa que tu encontrou o homem certo pra ti e isso é uma certeza, e aí vem a despedida de solteira, “e aí, um homem pro resto da vida, hein?”, e eu gostava do Lê. Tu te convence que tu queria curtir a vida quando era jovem, tu dormia com um monte de caras pra saber o que existe por aí, o tempo passa, sabe, tinha que curtir a juventude. E é assim mesmo, não é? A vida é uma só. Tinha que curtir o corpo que eu tinha, a energia, tinha que descobrir. Depois a pessoa se casa e aí? Passa a vida inteira um imbecil sem repertório sexual, não conhece nada e acha que o marido barrigudo de oito centímetros é muito bom.

Eu casei antes de todas as minhas amigas, meio que por acidente, eu acho. Tinha cansado, a gente cansa. E conheci o Lê, meio que por acidente também, hahah, essas coisas que não dá pra explicar, o lugar que tu não queria ir, na hora que tu normalmente não iria. Eu gostava do Lê. Ele era uma mudança dos caras que me ouviam só quando eu fazia piadinha. Eu gostava dos lugares, dos filmes, das pessoas, tão novas, curiosas, desafiadoras, porque pra mim tudo aquilo era um desafio, eu não achava “difícil”. Era muita novidade, e eu ia junto, porque o Lê nunca dizia que eu não ia conseguir, ele prestava atenção nos detalhes. Todo o tempo que a gente ficou junto foi assim, as coisas que eu não queria fazer e que eu normalmente não faria, mas que deram certo. O casamento teve uma decoração de bom-gosto, com flores que a mãe do Lê escolheu, minhas tias choraram, minha mãe falou umas bobagens, minhas amigas recitaram aquilo que recitam em todos os casamentos, “o amor é paciente, é benigno, o amor não é invejoso, não trata com leviandade”...o que vem depois? Esqueci. O único sentimento que eu tinha era pena das minhas amigas, tão queridas, que talvez fossem morrer sozinhas, ao contrário de mim, eu ia morrer com o Lê, o homem da minha vida, o homem certo pra mim. Eu tinha certeza.

Os anos continuaram como a nossa relação, sabe? Foram bem legais até. Eu e o Lê, a gente viajava bastante. Fomos pra Orlando uma vez, conheci a Disney, era meu sonho desde pequena. A gente tem muitos álbuns com fotos dessa época.

De uns tempos pra cá, o Lê tinha começado a falar de filhos. Eu não me importava que ele falasse de filhos, me importava que ele falava tanto e nunca perguntava o que eu achava. Ele nunca chegava e dizia “Eu acho *isso*. O que *tu* acha?”, sabe? Incomodava. Ele começou a falar dos filhos dos outros, de ter filhos, de programar gastos, do futuro, mas ninguém perguntou se eu queria falar de outra coisa. Depois, ele começou a falar que a gente devia ter filhos, que a hora tava certa, que todo mundo tava tendo filhos, que se a gente esperasse demais, a gente ia ficar muito velho pra ter filhos. Eu até concordava, mas não é como se o Lê soubesse, porque ele tava muito ocupado falando o tempo inteiro.

E aí eu parei de tomar a pílula. Meio que por acidente? Não sei se foi, sei que foi idéia do Leandro. Ele falou que eu não ia engravidar logo depois que eu parasse, o efeito dos hormônios demorava a passar, que se a gente tava planejando planejar, seria bom a gente começar a parar com a pílula, ele dizia que a gente podia usar camisinha no meio tempo. Mas ele esquecia de comprar a camisinha e quando eu dizia que não queria coisinha, ele fazia birra. Foi essa

coisa idiota por um tempo, até que eu falei que ia voltar com a pílula, foi aí que atrasou minha menstruação.

A primeira coisa que eu fiz foi rezar, em segredo. Só rezei, fazia muito tempo que eu nem encostava numa Bíblia. Aquela sensação de “eu não devia ter usado a pílula, Jesus me odeia agora, Jesus vai me punir e me dar trigêmeos”, mas tu reza, não na igreja, claro, mas em casa, tu torce. Quando eu tava atrasada uma semana, finalmente, eu contei pro Lê. Ele ficou radiante, né, não era o útero dele. É muito fácil querer ser pai, não tem um elefante crescendo dentro de ti, e depois esse mesmo elefante vai pesar 3kg e sair por...? Ah, pois é. O Leandro ficou bem feliz, e me comprou um teste de gravidez, esses de farmácia, queria porque queria que eu fizesse a droga do teste. Levei o teste comigo na bolsa e disse que ia fazer depois de uma coisa de família.

Eu tenho um priminho em segundo grau, é primo em segundo grau que fala? Ele é filho do meu primo, esse menino. O pai de uma amiga minha já disse que primo em segundo grau é outro tipo de parentesco. Então, esse filho do meu primo, ele nasceu meio filho indesejado, sabe? Gravidez não-planejada, o meu primo nem casou com a mãe do guri, a mãe é meio irresponsável também e agora os avós cuidam mais do que todo mundo. Os avós do guri são meus tios. E tava eu, esses meus dois tios, minha vó e duas tias minhas que são solteiras, elas têm tipo sessenta anos e moram com a minha vó. Essas tias nunca moraram fora da casa da minha vó, elas dizem que é pra cuidar da vó, aham, tá bom. Então, eu tinha esse almoço de família e tava almoçando com essa parte da minha família e a minha mãe tava atrasada (no horário). E esse meu priminho-em-segundo-grau(?) tava lá também, o Ronaldo. É, ele tem esse nome por causa do jogador de futebol, arg, uma dessas decisões retardadas que a tua família toma e tu não tem nada a ver, sabe? Foi o irmão (por parte de mãe) do bastardinho que botou o nome, Ronaldo.

O Ronaldo tem dois anos e meio e ainda usa fraldas, é dependente de fraldas, não vive sem fraldas pra nada. Minha mãe disse pra mim quando eu tava indo embora que Freud associa a fase anal à imposição de limites na criança, que a forma com que se lida com isso durante a infância vai se refletir durante a idade adulta e que o fato do Ronaldo usar ainda fraldas era um sinal visível da falta de limites que ele recebia. Minha mãe falou também que as fraldas são uma forma da criança manter controle sobre os pais. Tudo bem que não entendi tudo, mas gostei. E essa coisa dos limites é verdade, minhas tias acham que só porque o Ronaldo não foi uma criança desejada, ele tem que ganhar tudo o que quer quando vai na casa delas e da vó. Pobre vó.

A gente tava comendo e aí o guri queria suco, aí minhas tias serviram suco, aí fizeram *tim-tim*, aquela coisa com os copos, tipo brinde, sabe? Aí minha tia (uma das que não tem filhos e mora com a vó) me cutucou e falou “faz, faz” pra eu fazer *tim-tim* com o guri também, aí eu fiz, aí todo mundo na mesa fez. Aí depois o guri tava falando que queria dormir e o guri gosta de dormir com outras pessoas, aí minha tia (a mesma de antes) me cutucou e disse “pergunta se ele quer dormir contigo”, aí eu não falei, aí eu ela falou “fala ‘tu vai dormir comigo depois?’, fala!”, aí eu não falei e fiz uma cara meio “ahn?”, aí ela me cutucou disse pra mim falar de novo, aí eu disse “por que tu não pergunta se ele não quer dormir contigo, então?”, aí a mesa ficou meio que em silêncio. Uma hora o guri falou que tava com medo de mim (imagino que tenha sido porque eu não fico babando e rindo pra tudo que ele faz), aí a tia-vó (?) dele me usou pra fazer pressão nele quando ele fazia algo errado, tipo “olha que a Jéssica tá te cuidando ali”.

Quando a gente já tava tomando o café depois do almoço, chegou uma prima minha, e aí minha tia (a de sempre) falou pro meu primo-em-segundo-grau (?) imitar o anjinho, gritando “como é que o anjinho faz?”, e aí o guri se atirava

no chão e fazia alguma coisa. Não consegui não pensar num macaco treinado. Quando ele fazia isso, eu me concentrava em tomar meu café, eu ainda tinha que ir pra casa e fazer meu teste. Por sorte, hoje as minhas tias não tinham perguntado de quando o Leandro e eu távamos pensando em ter filhos nem nada, menos mal. Enquanto eu me concentrava no meu café, minha tia (adivinha...) me cutucou e falou "Jéssica! Olha ali o que o Ronaldo tá fazendo". Inventei que tinha que ir.

O Lê já tava no trabalho quando eu cheguei em casa. Fui direto pro banheiro. Fiz xixi no palito com dificuldade, esperei o resultado, azul era negativo, rosa era positivo. Enquanto esperava, tava com o celular na mão, o número do Lê na discagem automática. Por mais estranho que seja, por mais *por acidente* que seja, era nele que eu pensava, não ia rezar. Ia pensar numa pessoa concreta, que eu podia ver. Me perguntei se queria o bebê e acho que, naquela hora, eu queria sim, achava que ia fazer bem. Acho que, no final das contas, eu concordava com o Lê, né? Eu achava mesmo que tava na hora de ter uma criança, todo mundo tinha um bebê, eu podia ter um também. O banheiro tava muito gelado enquanto eu esperava, eu pensei sobre pegar um casaco. Que nomes eu podia dar pro meu bebê? Rosa.

A ponta do palitinho ficou rosa.

Liguei pro Lê, o telefone chamando, eu não sabia o que dizer. Ele atendeu.

Alô.

Oi—eu respondi.—Eu fui na coisa da minha vó lá.

Como foi?

Foi legal. Tá tudo bem por aí?

Tá na mesma, tudo na rotina igual, na empresa igual a todas as outras—ele disse e riu.—Tú chegou bem em casa?

Sim.

E—ele disse—tu já fez o teste?

Já—eu disse—, deu negativo...o teste. O teste deu negativo.

Ele ficou quieto.

Amor, a gente se fala depois, tá?—ele falou bem assim, bem seco.—Eu não posso ficar falando agora. Vou tentar ir pra casa o mais rápido possível, acho que daqui uma hora eu chego.

Tá—eu disse.

Tá—ele disse.

Beijo.

Beijo.

Tchau—eu disse. E aí a gente desligou o telefone, assim.

Mas, por favor, não venha me julgar.

Luísa Geisler é autora de *Contos de mentira e Quiçá*. Em 2012, foi selecionada para a antologia da revista *Granta Best Young Brazilian Novelists*, publicada internacionalmente no mesmo ano.



by Matheus Lopes

LAVIE NA LUZ MEDONHA

como—e por que—não estar desesperado para perder sua virgindade

por Juliana Frank

Dezesseis anos. Virgem. Os cabelos em desalinho. Sem dinheiro no bolso para encarar a liberdade.

Vovó ingrátidão, me empreste um dinheiro, preciso conhecer a vida.

Lavie, na rua não há vida, só violência.

Vovó tem no rim uma pedra que endureceu de paixão.

Mamãe improvável, me empreste um dinheiro?

Seu pai tem uma amante chamada Geysy Mary! O pai dessa moça é multimilionário, dono de uma fábrica de pasta de dentes! E ela não tem medo da inveja, como papai, são aqueles que sabem que a alegria não vale nada, é apenas uma barganha no inferno.

Mamãe improvável é sempre assim, me nega qualquer tostão.

Papai Cifrão? Preciso de uns níqueis. Ninguém vai longe com dezesseis anos, trinta dinheiros.

Papai cifrão se pôs todo garboso, inflou o peito na minha frente, pensou me eclipsar. Como se eu invejasse sua riqueza. Quem não tem medo da inveja, como papai, são aqueles que sabem que a alegria não vale nada, é apenas uma barganha no inferno.

Não pedi a titia deprimida, costureira e suicida. Ela mora nos fundos da minha casa. E eu nunca sei direito se ela é irmã de papai Cifrão ou de mamãe Improvável.

Fiz uma mala singular: um pente, uma blusa roubada, um abridor de latas infeccioso, uma pilha, um post it com desenho de caule, um pote com cascas de machucados, um CD do Joy Division e uma raspa da parede do meu quarto. Únicas coisas únicas.

Saí chutando latas. Mas não é preciso chutar latas, sonhos ougirassóis. É preciso chutar o supositório do cu do mundo e deixá-lo sufocar.

Andei com meus longos e desvaídos braços por três ruas, subi seis ladeiras, desci as mesmas de tobogã. Gastei meus trinta dinheiros com coxinhas, vinis velhos, fósforos. Ninguém é feliz nesta cidade. Decidi morrer. Mas minha morte não seria uma pilhéria. Como o último espasmo de dignidade que me sobrara, prometi: não, de modo nenhum seria motivo de chacota. Um pensamento me preocupou: uma virgem no paraíso? Morta, eu instantaneamente seria rebaixada uma daquelas santas que fazem triagem. “Triagem não. Morrerei dissoluta. Preciso romper o lacre virginal”—decidida, me dirigi a um bar infecto da São João. Sentei, travei o cotovelo no balcão. Era cedo, a luz do sol ainda incomodava as retinas. Avistei um homem com a barba comunista, a tosse poética e um relógio aristocrático.

Que horas são?—Perguntei.

Seis e nove—garantiu.

Que horas são agora?

Falta um minuto para o próximo minuto.

Desculpe o incomodo, mas que horas são agora?

São seis e nove quase deixando de ser. São seis e nove mais trinta egundos. Me deixe em paz, pirralha, você me fez perder trinta segundos.

E que horas são agora?

São seis e nove quase deixando de ser. São seis e nove. Que diferença faz se você é só uma adolescente disfuncional? Por que tanto pergunta? Menina, saiba logo de saída que não existe ninguém feliz em horários pares, apenas nos ímpares. O que faz as pessoas dos nossos tempos, digo, dos nossos tempos serem felizes é uma mera questão pontual. Tudo depende do humor do cuco. Do ponteiro em sua bateção infinita. Às seis horas estão todos borocoxôs em São Paulo. Os que mentem que estão felizes e falsificam um sorriso no rosto não me ludibriam. Porque são seis horas e as drogas capazes de levar alguém à radiação são vendidas apenas mais tarde. Procure às seis horas o homem que arrasta chinelos carregando uma escopeta ou um princípio de incêndio e saberá que a felicidade demorará algumas horas a chegar na cidade pendular.

Sei que não é uma boa hora, mas não tenho dinheiro.

Ah, o metal vilão! Posso te oferecer cinco reais, sabe contar?

Como assim? Tive ábacos na infância.

Ótimo. Então não faz muito tempo. Vá até a São João, conte trinta ônibus.

Para quê?

Para eu aproveitar sua ausência e desfrutar meus pensamentos. Em troca da paz, te darei cinco reais. Não posso compartilhar elucubrações com você, sua mente adolescente é a princípio deletéria para meus propósitos...

Não preciso de dinheiro, nem de pensamentos. Quero mais é morrer.

Se atire na frente de um ônibus e não me apoquente.

Não posso morrer virgem ou serei alvo de hostilidades nozalémdoz além. Penetre, chuche o pau na minha imaculada buxíngua, o tempo urge e preciso morrer. Estreie-me e me mate, me pise como um chiclete mascado! Eu imploro!

Deus me queimaria os olhos.

Primevo, ratazão! Nego Deus e provo sua inutilidade!

O homem me deu um chute na bunda. Eu sabia, simplesmente sabia que ele iria fazer aquilo. Mas não quis me importar. Um chute a mais ou a menos já não fazia muita diferença.

Não sei por que meu coração começou a me dar marteladas quando vi um menino de beleza apolínea sentado à uma mesa. Ele lia o jornal de ontem muito interessado. Fui ao seu encontro planejando o que dizer. Oi, meu nome é Lavie, sou filha de papai Cifrão e mamãe Improvável, ele agora tem uma amante e ninguém me dá quinhão. Não! Oi, sou Lavie, tenho uma coleção de cascas de machucados e fósforos. Não! Sou Lavie, provo a inutilidade de Deus e rogo serpenetrada. Não! Sou uma adolescente e sinto ardores sexuais, por favor, me mostre seu membro se este não estiver deveras maleável.

Não! Sou Lavie, tenho 16 anos e preciso comê-lo com as mãos, tenho fome de pau e de morte. É isso! Vou dizer isso a ele. Fui me aproximando do moço. Ele me ignorou como se eu fosse um inseto inoportuno. Levantou e saiu do bar.

Vencida, fui para casa. Minha família não tinha dado a minha falta. Resgatei uma enorme corrente e ofegante me dirigi ao lustre.

Ao entrar na sala para jantar, papai Cifrão me encontrou, sua única filha, pendurada na forca, com um vibrador musical girando a todo vapor no meio das pernas, a língua de fora e os olhos pulando das órbitas, mandando um último estertor: Foda-se!



Foto por Paloma Vidal

Juliana Frank nasceu em 1985, em São Paulo e vive no Rio de Janeiro. É roteirista de cinema e televisão. Adaptou Pornopopéia (de Reinaldo Moraes) para o cinema. Publicou Quenga de Plástico, pela 7 Letras. O seu novo romance, Meu coração de Pedra-Pomes será lançado em julho de 2013, pela Companhia das Letras.

UMA EQUAÇÃO NO HYDE PARK

um brasileiro lembra os dias chuvosos em Londres

por Marília Garcia

está chovendo no
hyde park hoje
e estou do outro
lado do hemisfério
sentada ao sol
com um gato
entre meus pés
que estão descalços
e levemente
avermelhados

está chovendo no
hyde park hoje
e lembro de ter
passado num parque
de ângulos quadrados
com o menino da caixa
verde que tinha uma foto
up-side-down de uma
floresta nórdica na
parede do seu quarto
e que gostava de contar
até 12 depois de cruzar
o gradil

a gente andava
no meio frio
e sentava no parque e
depois deitava e o
roupão preto felpudo
já na sua casa
e o *roommate* chamado
steve de olhos azuis
que amava
uma japonesa

está chovendo no
hyde park hoje e não sei
o que dizer para ele
que agora está sentado
algumas mesas à frente
e que dentro de um filme
seria *alguém que diz sim*
mas não estou dentro de um
filme ouço a voz em eco
no buraco do real
e me refaço pensando
que podia contar a ele
que o gps funcionou
e apontou na tela
o ponto de encontro
mas a mensagem
só chegou no dia
seguinte

está chovendo no
hyde park hoje
e podia contar que meu

coração tinha sido arrancado
pela boca e que estava
esquecido sobre uma pedra
com o sangue ainda quente

sim, está chovendo
no hyde park
e ao inferno
já desceram
um ou dois
ou
três
mas ele
há de subir
atravessando as curvas
o belvedere os espaços dirigíveis
ogni sp'ranza lasciate
che entrate
há mundo por vir?
pergunta antes de passar
e carrega um
magnetofone
e cruzamos o olhar
mas só por um segundo
e não me lembro mais
desse dia
mas depois o
mesmo olhar
volta à memória
como a interferência
de uma voz cantando
em língua lituana
e subindo pela ladeira
dentro do carro

está chovendo no
hyde park e aquele par
de olhos esquecidos
vem agora segurar os meus
cantando uma canção
em outra língua
e esse cruzamento
de olhares me distrai
por um momento
da equação

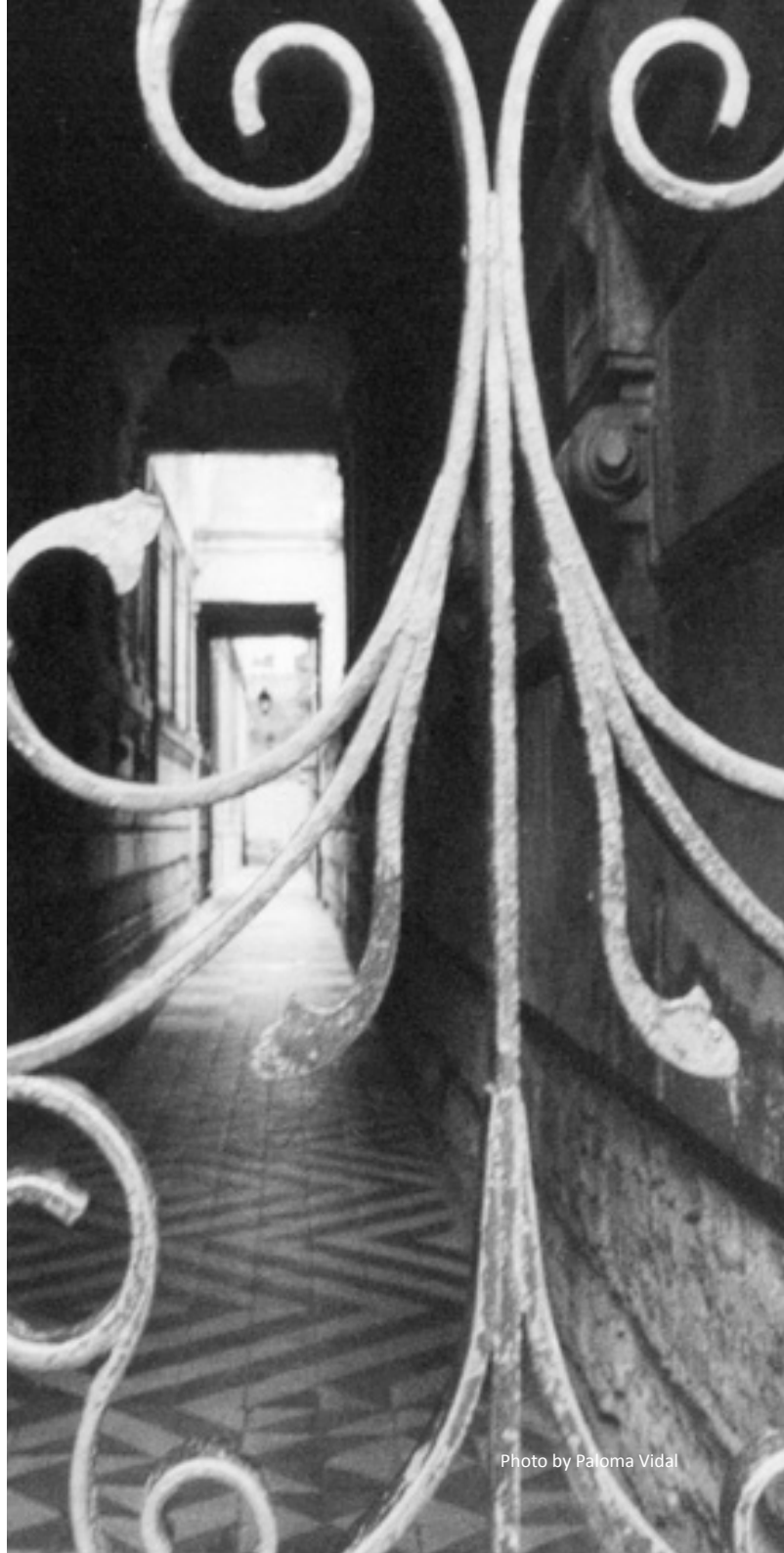


Photo by Paloma Vidal

Marília Garcia nasceu no Rio de Janeiro, em 1979. É autora dos livros 20 poemas para o seu walkman (Cosac Naify, 2007) e Engano geográfico (7let-ras, 2012) e trabalha com tradução.

ASÍ ES LA VIDA

localização das famílias através das fronteiras e gerações

por Paloma Vidal

Ao fazer trinta anos, resolve se dar de presente uma viagem a Buenos Aires. Vai à procura da protagonista de seu próximo curta-metragem: Inés, uma moça mais ou menos de sua idade, filha da meia-irmã do seu pai. Ao casar-se pela segunda vez, seu avô, já com três filhos do casamento anterior, realizou o sonho de ter uma menina, a mãe de Inés.

A moça mora na mesma casa onde seu avô viveu a maior parte da vida, no bairro de Parque Patricios, zona leste da capital. Desse lugar da infância só lhe restou uma lembrança imprecisa de um longo corredor quase na penumbra onde, há mais de vinte anos, quando seu avô ainda estava vivo, aprendeu a andar de bicicleta. Desde então, nunca mais esteve lá nem voltou a Buenos Aires.

Se da casa só ficou uma vaga recordação, lembra-se bem das tardes que passou em companhia de sua prima, quando iam visitar o avô. Inés era ainda mais tímida do que ela, o que teria lhe parecido impossível antes de conhecê-la. Numa dessas tardes, caminhando lado a lado pelo corredor da casa, ofereceu-lhe a mão e ela aceitou com uma naturalidade que a conquistou imediatamente.

Inés ficou com a casa que, de direito, pertencia aos filhos. Não houve queixas. Por distanciamento, descaso ou pelo desassossego que acompanha essas operações, tinham deixado que a herança seguisse seu próprio caminho. Costumava ser assim entre eles: as coisas e os afetos iam sendo aos poucos abandonados até virarem assunto do passado.

Antes de viajar, num caderno de capa azul, anota o cronograma de sua busca. Dia 1: reconhecimento bairro. Dia 2: visita apresentação. Nos dias restantes, mais alguns encontros para conhecer melhor sua futura personagem. por que ela?, pergunta em letras de forma no meio de uma página em branco, antes de fechar o caderno e colocá-lo na mala.

Pousa em Buenos Aires num dia calorento de fevereiro. A sensação térmica, diz o rádio no táxi a caminho do centro, é de 36o c. Um manto de umidade recobre a paisagem urbana. Não reconhece o traçado de ruas pelo qual o taxista a conduz, embora o entorno de árvores, casas, prédios, lojas lhe seja estranhamente familiar.

Quer chegar de uma vez ao quarto do hotel, deixar suas coisas e andar a pé; procurar um café e sentar-se numa mesa ao lado da janela, com o caderno de anotações e a caneta tinteiro que comprou especialmente para a ocasião. O hotel, recomendado por uma amiga que visitou recentemente a cidade, fica na rua Charcas, numa parte em que ela se alarga, como um bulevar, com canteiros ao centro.

Não confia em sua memória, por isso anota tudo (é um hábito que tem desde criança: já então se achava caótica e as pautas simétricas do papel prometiam uma ordem para suas ideias). Quer fixar a chegada, com suas sensações e imagens, já pensando no momento da partida, quando tudo o que viveu lhe parecerá irreal.

Desiste da primeira visita de reconhecimento. Sente-se inesperadamente ansiosa para estar diante da casa de seu avô e intui que, uma vez ali, não resistirá à vontade de tocar a campainha. Com o endereço anotado no caderno azul, pega um ônibus para Parque Patricios na manhã seguinte à sua chegada.

Senta-se no último banco, junto à janela. O ônibus percorre um longo trajeto pela rua General Urquiza até chegar ao ponto final debaixo de um viaduto. Verifica no mapa que a rua 24 de Noviembre fica a apenas uma quadra dali, mas terá de caminhar mais umas quatro ou cinco por ela até a altura da casa de seu avô.

Há muito sossego, embora sejam 10h30min da manhã de terça-feira. Caminha por ruas vazias, quase mortas. Passou por ali algum dia? Não se lembra.

Sente a estranheza aumentar a cada esquina. Já não sabe ao certo o que a traz ali: o que a fez pensar que seria uma boa ideia voltar àquele lugar perdido na memória? Caminha na direção oposta à rua de seu avô. Precisa de mais tempo.

Sobe a rua Catamarca sem achar interesse algum no que vê. As casas, com suas persianas baixas, parecem abandonadas. Os bares estão às moscas. Tudo é decadente, sem intensidade, sem mistério. O que esperava? Não sabe muito bem. Uma viagem ao passado, talvez. Uma súbita identificação com um espaço um dia muito familiar. Ao invés disso, encontra um bairro que não a acolhe, que nem sequer nota sua presença.

A casa vai estar lá, como se o tempo não tivesse passado, consola-se. E lá está. Sem querer se aproximar muito, intimidada pela presença real disso que até poucos instantes era pura memória, observa-a primeiro de longe. É mais austera do que imaginava: apenas um andar, pintada de branco, com um acabamento em granito sob as janelas (duas janelas retangulares, uma de cada lado de um portão de ferro preto).

Teme que Inés saia da casa de uma hora para a outra, quem sabe com uma criança no colo ou empurrando um carrinho de feira. Certamente estranhará uma moça parada do outro lado da rua deserta, bisbilhotando a entrada de sua casa. Talvez a reconheça, mas é muito improvável, depois de tantos anos. Já nem sequer tem o cabelo loiro e comprido de antigamente.

Resolve ficar atrás de uma árvore a poucos metros dali para resguardar-se de uma possível surpresa. Só então se dá conta de um detalhe que lhe passara despercebido: há um cartaz na porta da casa. Um pedaço de madeira retangular com fundo branco, bordas vermelhas e uma inscrição em letras de forma azuis que diz estilista.

A palavra a intriga. Não sabe nada sobre a profissão de Inés, nem se é casada ou solteira, se tem filhos, mas agora percebe que a supôs, apenas por ainda morar naquela casa, uma herdeira de valores de outro tempo, sem profissão, dedicada exclusivamente às tarefas domésticas.

Imagina agora que Inés transformou um dos cômodos da casa do seu avô em sala de costura. Contratou funcionárias, cada uma com sua respectiva máquina Singer, compradas à prestação com o dinheiro que ia entrando das peças vendidas. Hoje ela só faz os desenhos e acompanha sua execução.

Vê-se criando um mundo atrás do portão que continua fechado, uma vida para Inés, que já se tornou sua personagem antes mesmo de conhecê-la. Será mesmo necessário? Será preciso tocar a campainha e apresentar-se, fazer perguntas, intimidá-la com sua intromissão talvez indesejada? Que diferença faz conhecê-la de verdade?

Vacila. Sabe que chegou a hora de tomar uma decisão. Veio do Rio de Janeiro para encontrar uma moça que se tornou uma desconhecida e lhe propor, numa língua que fala com dificuldade, uma improvável reaproximação. Traz dentro do caderno de anotações uma foto das duas de mãos dadas diante do portão de ferro preto.

Não vai conseguir dar meia-volta e ir embora como se nunca tivesse estado ali. Não vai conseguir desistir de um encontro que até poucos momentos atrás lhe parecia imprescindível. Respira fundo e, abraçando seu caderno como quem segura um paraquedas, atravessa a rua em direção à entrada da casa. Toca a campainha.

Os minutos passam e nada acontece. Por fim, alguém aparece atrás do portão de ferro, um homem de mais ou menos quarenta anos, de chinelos, vestindo uma bermuda e a camiseta de um time de futebol que ela não consegue identificar. Em seu espanhol hesitante, indaga: *la estilista está?* O homem faz que sim com a cabeça, apontando para o corredor a sua frente. *La última puerta a su derecha.*

Por uma vez a memória não a traiu: o corredor existe e é quase idêntico à imagem que guarda desde criança, embora mais iluminado nessa hora em que o sol do meio-dia penetra com intensidade pelas grades do portão; o teto está descascado em vários lugares, assim como as paredes, maltratados pela umidade; o chão, já bem gasto pelo tempo, é de cerâmica bege.

Vai caminhando lentamente na direção indicada pelo homem, colada à parede como se estivesse se escondendo de alguém. No final do corredor, uma porta de vidro opaco. Bate e espera. A moça que vem abrir tem cabelos pretos e lisos até os ombros, a pele muito branca, olhos grandes com cílios abundantes. É Inés.

Sem dizer uma palavra, oferece-lhe uma cadeira onde se sentar e some rapidamente por trás de uma das portas que dá para o pátio interno, onde ela fica aguardando seu próximo movimento. É um retângulo de 3x2, decorado com numerosos vasos de planta de vários tamanhos, alguns vazios, um pôster da Sagrada Família, em Barcelona, e outro do mesmo time de futebol da camiseta do homem da entrada (o San Lorenzo, descobre agora).

Dez minutos depois, Inés reaparece, agora com os cabelos presos num coque e toda vestida de branco, de calça comprida e camiseta. Aproxima-se dela e, para sua surpresa, desarruma-lhe com delicadeza os cabelos, comentando alguma coisa sobre o corte que ela não compreende muito bem. Pede-lhe que a siga e vai em direção à outra porta que dá para o pátio, abrindo-a e cedendo-lhe a passagem.

O que ela vê não é nada do que esperava. Num canto do cômodo, à direita, uma pia branca com uma cadeira a sua frente. Na parede do lado esquerdo, sobre uma peque- na bancada também branca, um espelho redondo diante de uma poltrona preta de couro surrado. Ao fundo, um armário de fórmica com portas transparentes e várias prateleiras onde estão alinhados, cuidadosamente, diferentes tipos de xampus, condicionadores, tinturas de cabelos e outros produtos do gênero.

Inés a conduz até o lado esquerdo da sala e afasta a poltrona de perto da bancada, oferecendo-lhe o lugar. Ela obedece, sob efeito ainda da surpresa: deixa seu caderno azul sobre a bancada e se senta. Seus olhos se encontram no espelho. Inés sorri com formalidade, sem reconhecê-la. Olha para ela fixamente, à espera de que diga a que veio. *Quiero pintar mi pelo de rubio*, ela diz rompendo o silêncio. *Bueno*, responde Inés. *No te lo vas a cortar? No.*

De uma gaveta sob a bancada, Inés retira um catálogo de tintas com várias cores. Ela escolhe o loiro mais claro, quase branco. Inés pergunta se ela não se importa de ter que descolorir o cabelo e ela responde que não com a cabeça. As duas se dirigem para a pia no canto da sala. Ela tem a impressão de estar num sonho, incapaz de controlar seus movimentos.

De olhos fechados, abandona-se às mãos suaves da moça. Sente como é prazeroso estar aos cuidados de outro: o tempo desacelerado, todos os sons muito distantes, nenhum pensamento além da sensação de não pertencer mais a si mesma. Gos-taria de poder estendê-la por horas a fio. A voz de Inés interrompe seu transe com uma pergunta: sos de acá?

Ela não sabe o que responder. Se é dali? Não exatamente. Seu pai é dali e ela nasceu no Brasil. *Vivo en Río de Janeiro*, acaba respondendo. *Qué lindo!* Ela fica esperando outros comentários que não vêm: quem sabe lembrar que tem parentes no Brasil, uma prima que não vê há muitos anos. Inés não diz mais nada. Enxuga seu cabelo com uma toalha e a leva de volta até a poltrona em frente ao espelho.

Prepara uma mistura branca num recipiente de plástico e começa a aplicação. Ela sabe que será um processo lento e a inevitabilidade da espera a aflige. Por que não falou quem era assim que entrou, evitando todo esse teatro? Que história é essa de pintar o cabelo de loiro? Nunca fez isso antes. Não vai se reconhecer. Sente-se tola.

Inés a deixa sozinha na sala com várias revistas. Retorna a intervalos regulares para verificar como está indo o processo. Passada uma meia hora, leva-a de novo até a pia para retirar o produto. Em seguida, aplica um outro e a deixa sozinha de novo, até que finalmente retorna e

diz que está pronto. As duas se dirigem mais uma vez à pia no canto da sala. De cabeça lavada e embrulhada com a toalha, senta-se na poltrona para ver o resultado do seu impulso.

Com ar de suspense, Inés pergunta se ela está preparada. Ela responde que na verdade não, pois nunca pintou o cabelo antes. Era loira quando criança, mas com o tempo seu cabelo foi escurecendo. Tinha cachos que batiam na cintura, explica em seu espanhol titubeante. Inés se mostra interessada por esse fragmento de biografia. Ela conta então que jamais imaginou que um dia teria coragem de pintar o cabelo, mas sentiu que era a coisa certa a fazer naquele momento. *Así es la vida*, responde Inés, sorrindo timidamente.

Paloma Vidal escreveu dois romances, *Mar Azul* ("Blue Sea", Rocco, 2012) e *sândalo Lugar* ("Some Place", 7Letras, 2009), e duas coleções de contos, *Mais ao Sul* ("Outras Sul, Língua Geral", 2008), a partir do qual essa história é tomada, e *A duas Mãos* ("em ambas as mãos", 7Letras, 2003). Ela já traduziu escritores incluindo Clarice Lispector e Margo Glantz. Ela é professora de teoria literária e blogs em <http://www.escritosgeograficos.blogspot.com>.

BREU

na impossibilidade de imaginar verdadeira cegueira

por Miriam Mambrini

De manhã cedo, da casa ao lado vinha o som do rádio. Isso queria dizer que Seu Sousa já estava na poltrona de couro roído da sala, de pijama listado e barba por fazer. Como sempre, seus olhos estariam fixando uma imagem invisível situada um pouco acima da cabeça das pessoas. O dia inteiro o rádio ficaria ligado e ela saberia que ele estava lá, parado, indiferente ao céu azul e à buganvília que havia botado uma profusão de flores vermelhas na entrada da casa.

Às vezes, a mãe a mandava à casa do vizinho. Ficava contente, embora sentisse um frio de medo no meio do corpo. Dona Jorgina sempre dava um pedaço de bolo e, mais que tudo, ia ver seu Sousa.

* A menina da Marisa está aqui * dizia Dona Jorgina ao marido.

Ele continuava trancado no seu mundo de escuridão, desinteressado dela e de tudo que não fosse o rádio. A mulher insistia.

* Sousa, a menina veio trazer doce de abóbora pra você.

O velho grunhia um "agradece à sua mãe", e era só. Antes de seguir Dona Jorgina até a cozinha, para o pedaço de bolo, ela se demorava um pouco, esperando mais alguma coisa, um gesto, uma palavra, mas ele já se desligara do que se passava na sala e voltara ao rádio ou a seus pensamentos.

Ao chegar em casa, treinava a cegueira. Mesmo fechando os olhos com força, uma pálida claridade vazava pelas pálpebras. Não era ainda o negror total, como devia ser o dele. Esperava então a noite. Quando deitava na cama e a mãe apagava a luz, aí sim, quase chegava lá. Mas, uma hora qualquer, aflita, com medo de não enxergar nunca mais, abria os olhos. Pronto, a luz se enfiava pela fresta da porta e acabava o mundo de Seu Sousa.

E chegou o dia em que entrou na casa vizinha e Dona Jorgina não estava. Na sala, o rádio anunciava sabonete eucalol e o dragão da rua larga. Foi indo na pontinha dos pés pelo corredor de tábuas, muito de leve para que elas não rangessem e chegou à porta da sala. Lá estava ele. Viu o rosto cavado, os fiapos da barba, a boca que mastigava bocados inexistentes. As mãos pousadas nos braços da poltrona às vezes se contraíam, apertando o couro gasto feito as garras de um pássaro, os pés estavam enfiados só até a metade nos chinelos velhos. Os olhos nublados piscavam lentamente.

Durante longos instantes, observou cada um de seus gestos, suas expressões, com a estranha sensação de que tinha se tornado invisível e nunca mais ninguém perceberia a sua existência. De repente, sem planejar nem saber por quê, gritou "ú!" bem alto. A vogal se prolongou, grave e comprido parênteses entre os sons do rádio.

Seu Sousa estremeceu. Num reflexo, estendeu os braços à frente, tentando se defender. Com voz engasgada, perguntou: "Quem é?" Imóvel, ela ansiava na porta. "Quem é?", falou mais alto Seu Sousa. No seu rosto, viu medo e raiva. Ele estava desarmado diante do perigo, odiando quem o ameaçava. O frio doeu forte no meio da barriga. Ela virou as costas e, com as pernas bambas, correu de volta até a segurança da porta.

Não custou muito para ficar sabendo da doença. Três dias, uma semana depois. Seu Sousa não ouvia mais rádio. Não saía da cama e recusava a comida. Estava mal. A pobre dona Jorgina vinha contar à sua mãe que era grave, não havia muita esperança. O maior problema, dizia o médico, era que ele não queria mais viver.

Ela andava pelos cantos pensando e, mais do que nunca, treinando a cegueira. Fechava com força os olhos, ficava assim por um tempo longo, um tempo infinito, até que não aguentava mais e descerrava as pálpebras. Tentava mais uma vez: olhos fechados, afundava na escuridão. E bem ali, no meio do breu mais denso, aparecia o rosto transtornado, as mãos que se erguiam no gesto de defesa, a voz trêmula perguntando quem é. A doença de Seu Sousa, só ela sabia, era medo do fantasma que vinha das trevas para pegá-lo.

Quando ele morreu, andou tão quieta, sem fome e parada, que a mãe se preocupou. Por muito tempo, o susto do cego doeu dentro dela. Depois, chegou o Natal, as chuvas de janeiro inundando as casas, a mudança para outro bairro, e distraída, enfurnou sua culpa num abismo de sombras.



Miriam Mambrini é carioca, formada em Línguas Neolatinas pela PUC/RJ. Começou a escrever tardiamente e dedicou-se à prosa de ficção; publicou oito livros até hoje. Vários de seus contos receberam prêmios literários, dentre eles alguns como *Taxidermia*, presente em seu livro *Grandes Peixes Vorazes* e primeiro colocado no Concurso Stanislaw Ponte Preta (1991). Participou das antologias de contos *Contos de escritoras brasileiras* (Martins Fontes, 2003), mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira (organização de Luiz Ruffato—Record, 2005), entre outras, e colaborou na revista *Ficções*.



Born by Andrew Bannecker

DESMEDIDO ROGER

um herói desconunal abandona seu emprego e causa estragos entre os burgueses medido da cidade

por Ana Paula Maia

Uma úlcera é como uma mão calejada de trabalhador. Conhece-se um homem pelos calos nas mãos ou feridas no estômago. Ouvi esse troço em algum lugar e isso foi tudo o que consegui pensar ao me distrair por segundos olhando para as minhas mãos claras e limpas, enquanto meu chefe sentado à minha frente, exalando um hálito doce de pasta de amendoim, procurava alguns sinônimos para me dizer mais uma vez: Você está despedido.

Filho da puta, pensei, agora olhando para o meu terno novo. Há duas semanas ele me disse para comprar um terno melhor porque aparência conta muito. Puta que pariu, parcelei em dez vezes, meu terno novinho em folha. Nada como ser demitido com um terno caro, que lhe custará o resto do seu dinheiro. Acho que ele não me trouxe muita sorte.

Um des-pe-di-do muito enfático e naquele instante constatei a marca da pasta de amendoim. Costumava comprá-la e comê-la lentamente, o que me garantia uns vinte dias de pasta de amendoim importada. Eu não a como mais.

Balançando a cabeça e alisando os seis fios de cabelos bem no topo dela, fingindo um tipo de consternamento ele diz: eu sinto muito em seu português precário. É claro que ele sente, eu também posso sentir que os seis fiapos esparsos sobre a sua cabeça não resistirão tanto tempo assim. Uma coisa lamentável.

Há dois meses tivemos uma fusão com os franceses. Eles têm mais dinheiro e se vestem melhor. No mais, a mesma porcaria. Meu chefe anterior foi remanejado para outro departamento, inferior, e eu, remanejado para o olho da rua.

Não tem meios nem medidas, Roger, c'est tout.

Ele concluiu todos os meus anos ali com um *c'est tout*. E o que é isso? Sou um homem sem medida. Escritório de merda...nem meios nem medidas. *C'est tout*, *Pas de tout*, é o que vive dizendo entre os dentes. Mas uma coisa eu aprendi. *Vá au merde*.

Ele atende uma ligação e grunhi uns *hã hã, hã hã, oui...oui*, e faz um sinal torpe com a mão me dispensando. Sete anos aqui dentro.....antes tivesse tido sete anos no Tibet, é tudo que consigo pensar, no Tibet e em seus monges tibetanos e no silêncio que deve haver num mosteiro e que todos são carecas como meu chefe ficará até o fim do ano. Porcaria de emprego.....e depois de sete anos continuo desmedido.

C'est tout?, ele pergunta afastando a boca do fone e eu meneio a cabeça sem muito sentido, entendendo que sempre que se fala *c'est tout* é para encerrar qualquer que seja o assunto.

Minhas divagações são interrompidas pelo som insuportável da máquina copiadora bem ao nosso lado; uma sala com paredes finas de compensado, frágeis feito casca de ovo me faz querer vomitar como todo o resto. Saio da sala e retorno para minha mesa que acabou de deixar de ser minha. Nunca foi na verdade, mas ali eu pude ver umas marcas amareladas de tanto uso, meu suor foi manchando a madeira e o círculo marcado numa perfeita circunferência me lembra de quantas canecas de café eu tive de tomar para não desabar de sono.

Quero algum silêncio, mas é intragável o barulho da antiga máquina copiadora. Folha entra, folha sai. A luz que desliza sobre o papel me deixa enfeitiçado. Em cada sala há uma máquina dessas, estão por toda parte, entrincheiradas, produzindo centenas de requerimentos, o monstro branco sobre minha mesa, a pilha de papéis, a muralha que nunca parece ceder. Você pode sentir o calor que vem delas, permanecer ao lado de uma te faz fritar; o papel sai queimando os dedos. Um colosso de luz e calor, e é possível ver-se reproduzido. Copiado. Inautêntico. Esperava encontrar com minha reprodução desautorizada pelos corredores do escritório; uma imagem falsificada, a minha medida exata.

Enlouquecidas, reproduzem uma espécie de burrice descomunal. O erro é copiado e passado à diante e com o tempo o errado torna-se o correto, por insistência, por reprodução. Você pode escutá-las, multiplicando aos milhares.

Decido ir embora enquanto tenho alguma dignidade e buscar o pouco que me resta no dia seguinte. Saio para aproveitar o início da noite quente e perambular pela cidade enquanto os céus sustentam o peso das águas prestes a romper numa torrente de chuva de verão e entro num bar quando sinto pingos largos sobre meus braços. Olho para cima e os céus se rendem à minha presença, mas somente os céus e nada mais.

Do lado de dentro todos são loucos e solitários e eu estou no meio dessa eferescência de cores, barulhos, gemidos, portas batendo e cheiros. Muitos cheiros e confissões. É estranho, mas quando me sento diante do balcão percebo que eles se confessam, mas a música alta não me deixa compreender o quê. Segredos compartilhados não são segredos, é angústia. Angústia compartilhada é desespero. Compartilham entranhas. Há entranhas espalhadas misturadas sangrando por todos os espaços; entranhas boas e ruins, entranhas inflamadas. Vou me sentar ao lado das caixas de som porque ali eu ficarei surdo o bastante para dormir sossegado àquela noite.

Oferecem-me conhaque e lembro de alguém dizer "Mas essa lua, mas esse conhaque botam a gente comovido como o diabo". Não me lembro quem disse isso. Talvez tenha sido o balconista da padaria; lá vende conhaque. Pouco importa. De qualquer forma, eu não bebo conhaque e nunca fico comovido como o diabo.

Sentindo-me surdo o bastante para fazer calar meus pensamentos, apanho minha cerveja e vou me sentar novamente diante do balcão onde há uma tigela de vidro redonda com fósforos de diversas embalagens coloridas. Uma espécie de aquário com a cara de celebridades do cinema estampada em cada caixinha. Parece ouvir alguém dizer: algum problema. Eu diria que sim, mas não em voz alta. É o *barman* na minha frente com um pano branco jogado no ombro esquerdo, que inclina-se e de modo insistente pergunta mais uma vez. Não olho diretamente para ele, faço um olhar de cachorro desconfiado, que te olha de soslaio. Apanho meu caneco e suspendo minha cabeça para trás em busca do último gole, que benevolmente me valem dois.

Outra cerveja? é o que ele pergunta e aceno negativamente com a cabeça, digo c'est tout e faço em seguida sinal para saber quanto deu a conta. Doze e cinquenta, ele diz.

Porra, doze e cinquenta! Preciso trabalhar duas horas e quinze minutos para ganhar isso, penso, E lá se foram duas horas em copos de cerveja em menos de uma hora de esforço despercebido.

Ele percebe que não concordo muito com o valor total e me entrega uma nota com as despesas especificadas.

Hei, esses fósforos aqui....eu não pedi fósforos coisa nenhuma.

Mas pegou. Pensa que eu não vi?

Eu não peguei nada, digo, Só tava olhando.

Sou mesmo um imbecil e é para isso que existem barman, para te confirmarem caso haja alguma dúvida pairando. Doze e cinquenta, ele diz enfático, como quem afirma: Você está despedido. Estou me acostumando com esse tom enfático, sem meios nem medidas. Pague o que me deve e vomite o que comeu, praticamente um faroeste dublado essa porcaria está sendo.

De pé na calçada a chuva sequer molhou o asfalto. Uma enganação dos diabos. Apanho meu último cigarro e jogo o maço vazio no chão. No dia seguinte haverá trabalhadores para limpá-lo, eu por minha vez estarei fazendo uma hora qualquer. Levo o cigarro à boca e tiro do bolso os fósforos da Brigitte Bardot e percebo que faltam dois palitos. Alguém acendeu seus cigarros com esses fósforos, mas eu é quem tive que comprá-los. Sou mesmo um homem afortunado e nem roubar a porcaria de fósforos eu consigo.

Suspendo minha maleta que descansa no chão e desço a rua imprimindo em meus pulmões o cheiro empoeirado e abafado deixado por uma chuva que passou rápido demais, levando sua torrente para outro canto. É quando a alma fica porosa, com a superfície árida, e a chuva debanda para o norte deixando os afortunados para trás.

As ruas do centro e seus freqüentadores que só saem à noite; depois do expediente ratos e mendigos têm algumas horas para desfrutar daquilo que só conhecemos de dia. Espalhados por tudo quanto é canto fazem-me lembrar as máquinas copiadoras. Isolados ou em pequenos grupos, estão sempre lá chafurdando no lixo, espantando os ratos que querem desfrutar do jantar. Os ratos aos milhares sob nossos pés, nos esgotos subterrâneos vêm à superfície e precisam disputar com o homem o que comer. Sem dúvida, um dia eles vão se cansar disso, os ratos, e teremos uma revolução por aqui.

Os ratos saem dos esgotos para procurar os restos de comida, a gente procura os restos do dia. Uma cidade como essa produz muita comida, sobras, lixo e gente como você e eu. Sou a sobra do dia. Se me distraio, os ratos me devoram.

Caminho perdendo o equilíbrio. Sinto minhas pernas vez ou outra sem muita direção e o calor morno que sobe do asfalto salpicado pela chuva me lembra a máquina copiadora estridente como a sirene do carro da polícia que acaba de passar na esquina. Adoro sirenes à noite, uma espécie de ultimato anunciado por metros de distância, elas fazem meu coração acelerar.

Aborreço-me quando já não consigo ver o reflexo das luzes da sirene, e minha bexiga parece ter despertado porque está dolorida e ardida. Viro-me e em seis passadas abro a braguilha e mijo na porta de uma pastelaria coreana. Não era das melhores, mas nunca comi nada estragado ali. No início, meu salário só me permitia comer ali, depois passei a freqüentar uma outra, mais cara, e lá eu encontrei uma lasca de unha com esmalte vermelho no recheio do meu sanduíche de atum. Fecho a braguilha e percebo que não terei mais que me preocupar com isso. Um problema a menos.

Olho para os lados onde fica o escritório, as ruas por onde percorria, até então apressado todos os dias, os lugares em que devorava à garfadas violentas, abrindo covas no meu prato, quase me enterrando em seguida sob o purê de batata; e por fim as pequenas janelas de todos os edifícios à minha volta.

Sou remetido à minúscula janela ao lado de minha antiga mesa com que dividia as horas incontáveis, apreciando o sol, a lua e as estrelas. Coisa melancólica e lamentável. O passar do tempo, dissipando-se através de uma fenda

pouco maior que minha televisão vinte polegadas no centro da sala de estar. Ter um horizonte com menos de vinte polegadas não deve ser o sonho de ninguém.

Avançando em direção ao metrô encontro um velho sentado no chão. Sujo e fedido. Nem os ratos se aproximam, talvez apenas quando estiver morto para arrastarem sua carcaça para o esgoto; refeição para dias. Um velho frágil, certamente nem seus ossos sobriariam. Deve ter osteoporose; ossos quebradiços e facilmente triturados por roedores. Um vexame de horror desmedido.

Ele diz que tem uma ferida e que mostrará se eu lhe der algum trocado. Por que eu haveria de querer ver uma ferida? E pelo tamanho da faixa em sua perna deve ser grande. Eu rio com a conversa. Venha e veja, é o que o velho diz. Tenho uma ferida aqui e você nunca viu uma dessas antes. Dou umas passadas, ignorando, mas é tarde demais. Sinto alguns trocados no bolso e jogo para ele. Quero vomitar. Com a ferida, com a minha curiosidade. Há larvas nadando na carne esponjosa. Ele está sendo devorado vivo e os ratos o rodeiam, respeitando o árduo trabalho das larvas para depois arrastarem-no.

Já não consigo mais sorrir faz tempo, na verdade me torno sério o bastante para ficar desacreditado. Diante de uma coisa dessas qualquer um pode deixar de girar bruscamente em seu próprio eixo e despencar. É isso que eu faço, despenco tentando atingir meu centro de gravidade torcendo para que ele não seja tão profundo.

Desço a rua até o metrô e quando chego lá, olho para as minhas mãos claras e limpas.

Conhece-se um homem pelos calos nas mãos ou feridas no estômago. Conhece-se um homem por seus calos e feridas. C'est tout. Suspiro profundamente quando entro no vagão deserto, suspiro sentindo-me sedado pelos vestígios de uma cidade subterrânea, seus habitantes e sua possível maldade.

Ana Paula Maia é escritora e nasceu no Rio de Janeiro. Publicou os romances *O habitante das falhas subterrâneas*, *A guerra dos bastardos*, *Carvão animal* e a novela *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*. Participa de diversas antologias de contos no Brasil e exterior. Seu blog: killing-travis.blogspot.com

ESPORO

uma manicure promove um segredo sombrio

por Ana Paula Maia

Rosália olhava para o forno fazia cinco minutos. Costumava deixar o alicate de unha por dez minutos dentro do forno para esterilizá-lo a alta temperatura. Trabalhava como manicure fazia quinze anos. Foi cutilando e pintando unhas que pagou seu primeiro grau incompleto, o aborto do filho do Tonho e comprou o material de construção para a obra de sua casa de quatro cômodos. Pintou o interior de amarelo claro e parcelou a mobília nova em 72 prestações. Durante os cinco minutos ali parada, pensava em quantos alicates teve nos seus quinze anos de profissão. Não sabia contar muito bem.

O forno apitou e da recepção gritaram seu nome. A cliente das quatro da tarde havia chegado. A cliente das quatro da tarde era uma mulher gorda e peluda. Para fazer as unhas do pé precisava se inclinar na cadeira ao colocar os pés no colo de Rosália. Em seu colo, também haviam passado muitos pés. Nenhum filho. O único abortado a deixou seqüelada. Era tão estéril quanto aos seus alicates. Essa coisa de esterilizar tudo é que havia acabado com ela.

Viu a cliente. Suspirou sentindo-se cansada. Havia café fresco na garrafa termina sobre uma bancada. Ela apanhou um copinho descartável e despejou o café. Saía fumaça. Ela bebeu sem pressa, apoiada na bancada. Refletiu por algum tempo. O que Rosália refletiu e ponderou nunca poderemos saber, pois os pensamentos são silenciosos. Nem mesmo para um narrador onisciente é possível conhecer todos os segredos de seus personagens. Eles, entre pensamentos silenciosos, retornam de seus estreitos abismos e podem surpreender até o seu narrador.

Rosália apanhou na bolsa um alicate velho, cego e doente.

A mulher deixou os pés de molho e ela começou a cutilar as unhas das mãos. Rosália queria ver um pouco de sangue. Sabia que a mulher não iria gostar, mas arrancou o primeiro bife. O sangue escorreu rápido.

Está bem encravada, né?

A mulher confiava em Rosália. Sabia que seus alicates eram sempre esterilizados. Depois do primeiro sangramento, não parou mais. Retalhou cuidadosamente os dedos da mulher.

Rosália, dona Esmeralda precisou tomar antiinflamatórios. O que deu em você? A mulher quase foi internada.

Rosália baixou a cabeça e não disse nada.

Você tem alguma explicação para isso? insistiu a dona do salão.

Rosália deu de ombros e saiu da presença da mulher mascando um chiclete.

Foi despedida e logo contratada em outro salão. E sempre que podia cortava mais fundo a cutícula. Tornou-se tão habilidosa que suas pequenas investidas não eram nem sentidas. Usava um anti-coagulante em forma de bastão e a satisfação aumentava.

Descobriu que uma de suas clientes havia sido contaminada com o vírus HCV.

Hepatite C, Rosália, é isso que esse vírus dá.

Rosália fazia as unhas dessa cliente duas vezes por semana. Sempre a sangrava de leve e depois usava o alicate em outras. Não conhecia bem a doença, mas sabia que era crônica. A palavra crônica lhe parecia muito séria e importante. Tempo depois, a cliente morreu de câncer no fígado. Cansaço, náusea e dores no corpo passou a fazer parte da rotina de suas clientes. Todas estavam adoecendo, porém a causa, dizia Rosália, era estresse.

É estresse, dona Conceição. Tá todo mundo muito estressado hoje em dia.

Tão dizendo que tem um andaço de hepatite C por aí. A gente só pode fazer as unhas com quem é de confiança...assim como você Rosália.

Ela não respondeu. Mas deu de leve uma beliscada na velha que retraiu a mão. Rosália se desculpou.

Pediu demissão dias depois e conseguiu trabalho em mais dois salões a vinte quilômetros dali. Depois da confiança depositada nela, começava a beliscar suas clientes. Cansaço, náusea e dores no corpo. Estava na hora de mudar novamente.

Meses depois de circular em tantos salões e contaminar tantas clientes, às vésperas do natal, recebeu um buquê de rosas cheio de espinhos. Levou muitas espetadas nas mãos quando colocava as rosas num vaso de louça. Rosália nunca havia recebido um buquê de rosas em sua vida. As rosas murcharam e as mãos de Rosália inflamaram, pois os espinhos entranharam em sua carne até apodrecê-las. Podres, foram amputadas. Quando chegou a primavera nasceram espinhos nas suas mãos. Nunca soube quem lhe enviou as rosas. Nunca mais pode tocar em nada sem ferir ou fazer sangrar.

Ana Paula Maia é escritora e nasceu no Rio de Janeiro. Publicou os romances *O habitante das falhas subterrâneas*, *A guerra dos bastardos*, *Carvão animal* e a novela *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*. Participa de diversas antologias de contos no Brasil e exterior. Seu blog: killing-travis.blogspot.com





PORTA DO ARMÁRIO ABERTA

vendo roupas não usado e montanhas não imóvel

por Marina Colasanti

Abro a porta do armário
como abro um diário,
a minha vida ali
dependurada
meu frusto cotidiano
sem segredos
intimidade exposta
que os botões não defendem
nem se veda nos bolsos,
espelho mais real que todo espelho
entregando à devassa
as medidas do corpo.

Armário
tabernáculo do quarto
que abro de manhã
como à janela
para sagrar o ritual do dia.
Sala de Barba Azul
coalhada de pingentes
longas saias e véus
emaranhados sem que sangue goteje.
Corpos decapitados
ausentes minhas mãos
dos murchos braços.

Do armário, minhas roupas
me perseguem
como baú de herança ou
maldição.

Peles minhas pendentes
em repouso
silenciosas guardiãs
dos meus perfumes
tessituras de mim
mais delicadas
que a luz desbota
que o tempo gasta
que a traça rói
ainda assim durarão nos seus cabides
muito mais do que eu sobre meus ossos.

Nenhuma levarei.
Irei despida
deixando atrás de mim
a porta aberta.

Marina Colasanti nasceu em 1937, em Eritréia. Residiu em Trípoli e Itália, e em '48 transferiu-se para o Brasil.

De formação artista plástica, ingressou no Jornal do Brasil, dando início à sua carreira de jornalista.

Seu primeiro livro data de 1968. Hoje são mais de 50, de poesia, contos, crônicas, livros para crianças e jovens, ensaios.

É detentora de 6 prêmios Jabuti, do Grande Prêmio da Crítica da APCA, do Melhor Livro do Ano da Câmara Brasileira do Livro, do prêmio da Biblioteca Nacional para poesia, de dois prêmios latino-americanos. Traduzida em várias línguas, sua obra é tema de numerosas teses universitárias.

AO HÁLITO DAS MONTANHAS CHAMAMOS

por Marina Colasanti

As montanhas não são como se diz
paradas.

As montanhas deslocam-se na luz
verdes navios sem velas
que a luminosidade tange
e a noite encavalga.

Entre dois morros
o machado do sol
entalha um vale
que a luz da tarde fecha
suturando as encostas
com fio roxo.

Dorsos enfileirados
de manhã
mansa manada
se deixarão tanger
no fio das horas
até serem muralha
no horizonte
erguida contra a lua.

As montanhas não são como se diz
inertes.

A seu hálito fino que paira
e que viaja
chamamos névoa.

CONVIVÊNCIA

uma criação ficcional pode realmente sair da página?

por **Carola Saavedra**

Você não deveria ficar tanto tempo sentada.

Com exceção da lâmpada de leitura e a da tela do computador, quase não há iluminação, apenas o suficiente para perceber uma mulher à mesa, os dedos ágeis pelo teclado. Sobre a mesa uma taça de vinho tinto, algumas pilhas de livros e cadernos.

Depois reclama de dor nas costas.

Ela bebe um gole da taça, começa a ler em voz alta o parágrafo que acabara de escrever. Alguém se aproxima por trás, no início ainda escondido pela penumbra do quarto. Depois é possível distinguir um homem jovem, elegantemente vestido, cabelo penteado com estudado desleixo. Ele se aproxima, poussa as mãos em seus ombros, massageia-os, ela continua lendo como se o ignorasse. Ele insiste:

Você não tem ido à academia, não pense que eu não percebo essas coisas.

Sem tirar os olhos da tela do computador, ela reage impaciente:

Quer parar de se meter na minha vida? Quem é você agora, meu *personal trainer*? Minha professora de balé?

Ele continua com as mãos em seus ombros, deslizando pelas costas, pelos braços, aperta-os com força.

Você sabe que depois dos trinta o corpo já não é mais o mesmo, não tem mais a mesma musculatura, a mesma elasticidade, não dá para deixá-lo ao Deus dará. Sem falar na sua coluna—ele desce os dedos pela coluna—olha, você vai ficar toda torta se continuar assim.

Ela faz um movimento brusco para livrar-se da massagem.

Me deixa trabalhar em paz, por favor.

Ele se afasta, aparentemente magoado, na penumbra quase não é possível distingui-lo, ouve-se apenas a voz:

Meu Deus, que mau humor, eu só estava querendo ajudar.

Silêncio.

Ela continua escrevendo. Ouvem-se os seus passos atravessando o quarto, ele acende um pequeno abajur. Sentado numa poltrona, cruza as pernas, tira um charuto do bolso do paletó, admira-o por alguns instantes, a seguir desenvolve uma espécie de ritual, até acendê-lo finalmente. Após as primeiras baforadas, faz uma pausa e diz:

Sabe, eu me preocupo com você.

Ela finge não ouvir. Ele insiste.

Você não acredita, mas eu me preocupo de verdade—diz ele em tom dramático.

Não precisa. Preocupe-se com você mesmo.

Ele parece muito à vontade naquele lugar, como se o frequentasse desde sempre. Dá mais uma baforada. Ela, ao sentir o cheiro da fumaça, vira-se pela primeira vez, e lançando-lhe um olhar de reprovação, diz:

Desde quando você fuma charuto? Não me lembro de ter escrito isso.

Ele sorri irônico. Fica alguns instantes em silêncio, como se tentasse criar algum tipo de suspense, e diz:

É, realmente, você não escreveu—e após nova pausa, completa.—Ainda.

Então...—a voz dela soa impaciente.

Então nada. Eu achei que ficaria bem, combina comigo, não acha?

Não, eu não acho—diz ela, afastando o teclado e sentando-se sobre a mesa, os pés apoiados na cadeira. Bebe mais um gole do vinho.

Ele continua:

Se você observar bem as minhas atitudes desde o início, minha aparência, minha personalidade, meu espírito, não no sentido de alma, que a alma não nos interessa, mas no sentido do *Geist*, o *Geist* que os alemães tão bem souberam separar de *Seele*, alma, enfim, se você considerar todas essas questões vai perceber que é óbvio que eu fumo charuto.

Óbvio?—ela dá uma gargalhada.—É o único que me faltava, você quer me dar conselhos sobre o que eu devo ou não devo escrever, sobre como construir meus personagens. E como se não bastasse, ainda vem com essas explicações em alemão, não pense que isso me impressiona.

Ele, sem perder a calma, enquanto observa a fumaça que se espalha pelo ambiente, diz dando ênfase ao tom arrogante:

Imagina, longe de mim querer te impressionar!—por um instante ele a olha com raiva, mas logo volta à expressão anterior, ao jeito desinteressado.—Eu não estou te obrigando a nada, estou apenas sugerindo. Além do mais, qual é o problema? Não seja tão autoritária, não fica bem em você.

Autoritária?

Sim, querida, autoritária, é o que você está sendo. Autoritária e intransigente. Moralista até, afinal, o que tem demais eu fumar um charuto?

Moralista? Não acredito que você está me dizendo isso!

Além do que, todos sabemos que a partir de um certo ponto da trama, os personagens adquirem vida própria. Todo autor diz isso nas entrevistas.

Eu não sou todo autor, e eu nunca disse isso em entrevista alguma.

Ele pega o jornal na mesinha ao lado da poltrona, abre-o, olha com desdém para alguma reportagem, diz:

É, suas entrevistas nunca foram muito interessantes mesmo.

Olha, não estou gostando nem um pouco do rumo desta conversa. Sabe de uma coisa, não vou ficar aqui discutindo, tenho mais o que fazer. Se você preferir fumar, fuma, faz o que bem entender.

Ela volta a sentar-se à mesa, tenta concentrar-se novamente na tela do computador. Ele sorri vitorioso. Os dois ficam em silêncio. Ele pega o jornal, passa

os olhos por algumas páginas, fecha-o, deixa-o outra vez sobre a mesinha. Ela inicia a leitura do mesmo parágrafo anterior, ele ouve atentamente com expressão reprovadora. Quando ela termina a leitura, ele pergunta:

Você não acha que eu estou ficando muito parecido com aquele seu ex-namorado?

Ela responde, sem tirar os olhos do computador:

Ex-namorado? Claro que não, nem sei de onde você tira essas coisas. Além do mais, eu nunca namoraria alguém que nem você.

Ah, não?

Não.

Ela continua concentrada, agora fazendo anotações num caderno.

Então eu me pareço com quem?, ele insiste.

Com ninguém, por que você teria que se parecer com alguém?

Porque todo personagem se parece com alguém que passou pela vida do autor. Tudo é autobiográfico. Não há como fugir disso.

Ela interrompe as anotações e se vira em direção a ele:

Me diz uma coisa, que livros você anda lendo ultimamente?

Não li em livro nenhum, todo mundo sabe disso.

Todo mundo sabe? E quem é todo mundo?

Ele não responde, apenas ri sarcástico e continua fumando.

Escuta uma coisa, você é uma invenção minha, você não existia antes, eu te inventei do nada, entende, do nada.

Ninguém inventa nada do nada. Não se faça de sonsa.

Ela se levanta da cadeira, vai até ele, senta-se no braço da poltrona, passa a mão em seus cabelos com força, como se os puxasse, ou despenteasse.

Eu não estou me fazendo de sonsa. Sabe o que me incomoda em você?

Há algo em mim que te incomoda? Sério? Jamais teria imaginado.

É essa tua arrogância, tua soberba. Quem você pensa que é?

Ele faz carinho em seu braço, diz com voz suave e calma:

Mas, querida, não há nada meu que não tenha saído de você. Afinal, como você acaba de afirmar com tanta propriedade, você me inventou do nada, eu sou uma criação tua, só tua, não sou? Então, essa soberba, essa arrogância, de onde mais pode ter saído?—Ele tenta fazer um carinho em seu rosto, mas ela se afasta.

Em silêncio, ela volta a se sentar à mesa, arruma o teclado, recomeça a escrever. Para por uns instantes, bebe um gole de vinho. Ele continua sentado na poltrona, afasta um pouco o abajur. Na penumbra percebe-se apenas a fumaça do charuto, e de repente, uma voz.

Não vou mais te interromper, querida, prometo. Nem quero me meter no que você faz ou deixa de fazer.



Foto por Paloma Vidal

Carola Saavedra nasceu no Chile, em 1973, e mudou-se para o Brasil com três anos de idade. Morou na Espanha, na França e na Alemanha, onde concluiu um mestrado em Comunicação. Vive no Rio de Janeiro. É autora dos romances *Toda terça* (Companhia das Letras, 2007), *Flores azuis* (Companhia das Letras, 2008; eleito melhor romance pela Associação Paulista dos Críticos de Arte, finalista dos prêmios São Paulo de Literatura e Jabuti), e *Paisagem com dromedário* (Companhia das Letras, 2010, Prêmio Rachel de Queiroz na categoria jovem autor, finalista dos prêmios São Paulo de Literatura e Jabuti). Seus livros estão sendo traduzidos para o inglês, francês, espanhol e alemão. Está entre os vinte melhores jovens escritores escolhidos pela revista Granta.

X



WORDS GET YOU FURTHER

Publisher & Editor-in-Chief: **Eric Akoto**
eric.akoto@litro.co.uk

Magazine Short Fiction Editor: **Andrew Lloyd-Jones**
andrew.lloydjones@litro.co.uk

General Online Editor : **Rebecca Hattersley**
rebecca.hattersley@litro.co.uk

Online Short Fiction Editor: **Katy Darby**
katy.darby@litro.co.uk

Online Short Fiction Assistant Editor: **Belinda Campbell**
onlinefiction@litro.co.uk

Online Fiction Editor: **Craig Bates**
onlinefiction@litro.co.uk

Book Reviews & Interviews Editor: **David Whelan**
david.whelan@litro.co.uk

Arts Editor: **Daniel Janes**
arts@litro.co.uk

Film & Arts Editor: **Christo Hall**

Online Creative Non-Fiction Editor: **Dan Coxon**

Contributing Editor: **Sophie Lewis**

Lead Designer: **Laura Hannum**

LitroTV Editor: **info@litro.co.uk**

Membership and Development: **press@litro.co.uk**

Marketing & Sales: **info@litro.co.uk**

Litro Magazine is published by Ocean Media Books Ltd.
General inquiries: contact **info@litro.co.uk** or call **020 3371 9971**.

Litro Magazine believes literary magazines should not just be targeted at writers themselves, or even those with a particular interest in literature, instead *Litro* believes in reaching the general reader whether they be a commuter, someone browsing in bookshop or in a bar or café to meet a friend.